

A REPRESENTAÇÃO DA NARRATIVA FEMININA EM *DOM QUIXOTE*: MARCELA

Ana Gabriela Araujo ROSSETO¹
Licencianda em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

Carla Cristina Fernandes SOUTO²
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

O presente trabalho desenvolve a análise da representação da narrativa feminina construída na primeira parte da obra **D. Quixote de La Mancha**, mais especificamente, a da personagem Marcela. Para conduzir semelhante tarefa, é preciso investigar como tal representação foi retratada em uma época cuja educação era voltada exclusivamente aos homens e como isso influenciou a escrita da obra de Cervantes. A pesquisa é relacionada à construção de personagens femininas marcantes na literatura ocidental. Assim, o estudo possibilitará o aprofundamento da temática a respeito do feminismo literário e discutirá a representação do feminino nos livros, agregando inestimável conhecimento ao futuro professor de Língua Portuguesa e Literatura da sociedade contemporânea. A ideia foi buscar, dentro desta temática, um paralelo entre a visão de mundo contemporânea e a visão de mundo no momento em que a obra nasceu. Com este fim, foram as principais ferramentas a intertextualidade e o comparatismo, estudando a obra analisada sob o viés da crítica literária e dos estudos de gênero. **Palavras-chave:** Dom Quixote. Marcela. Narrativa Feminina. Personagens Femininas. Feminismo.

Introdução

O presente artigo busca desenvolver uma análise da narrativa feminina em **Dom Quixote**, dando ênfase à personagem Marcela. Em 1605, quando foi publicada a primeira parte da obra, era escasso o número de textos assinados por mulheres - ou por não terem acesso à alfabetização ou pela crítica não valorizá-los e perdê-los. Assim, a grande maioria das personagens femininas era representada pelos ideais sociais esperados de mãos masculinas.

Marcela, entretanto, é uma personagem que não se encaixa nesses padrões, apresentando uma personalidade forte e determinada a decidir seu próprio futuro. Essa individualidade provocou uma grande curiosidade sobre seu estudo.

¹anagabrielarossetto@yahoo.com.br

²carla.souto@gmail.com

Assim, optou-se por dividir esta pesquisa em três grandes eixos: a contextualização histórica; o aparecimento de Marcela na história e a questão de gênero na ficção e seu impacto na sala de aula. Em cada eixo, procurou-se explorar a melhor maneira de entender como esse fenômeno fugiu da regra. No primeiro, fez-se necessária a contextualização histórica da época e do autor. No segundo eixo, mostra-se como Marcela era citada e descrita até ganhar espaço de fala na obra e como foi tratada depois de explicar seu ponto de vista. No terceiro eixo, pesquisou-se a questão de gênero presente em produções culturais do século XXI sob a perspectiva do trabalho em classe e da interdisciplinaridade do assunto.

Contexto histórico

Ao longo dos milênios, a humanidade se inventou e reinventou. E durante esse tempo, algumas pessoas beberam de fontes tão antigas quanto a palavra. Uma das questões que se perpetuou foi o modelo ideal da figura feminina refletido na literatura. É fato que foi negado o conhecimento às mulheres durante boa parte da história mundial – e em alguns lugares ainda é, como foi revelado em um relatório de 2015 da ONU no qual 70 países constatavam algum tipo de agressão à população feminina por querer estudar. Portanto, é preciso investigar como essa parte da população, que não tinha voz, que não era alfabetizada, que não tinha espaço nos poderes políticos, que não era tratada com respeito e dignidade, que tinha sua importância social reduzida à reprodução, era retratada dentro da literatura. Durante muito tempo, as mulheres tiveram majoritariamente apenas o papel de consumidoras no processo da literatura. Só a partir da era moderna é que vemos com mais frequência nomes femininos nas capas dos livros, e, ainda assim, essas mulheres representavam uma parcela muito seleta da sociedade. Se conhecimento é poder, essa imposição de mulheres como grupo consumidor é mais uma ferramenta de controle do sistema patriarcal machista através da qual se decidia o que cabia às mulheres conhecerem. Isso fez com que os valores e morais da época se refletissem nas personagens femininas desde os tempos de Homero. Para entender um pouco a representação e narrativa feminina do século XVII, decidimos partir daquele que a crítica costuma classificar como o primeiro romance: **Dom Quixote de La Mancha**.

Lançado em 1605, **Dom Quixote** narra a história de um fidalgo apaixonado por histórias de cavalaria que resolve sair em busca de suas próprias aventuras acompanhado por um criador de cavalos de nome Sancho Pança, que é facilmente convencido a participar. Percebe-se logo no começo da história que, de alguma forma, a condição econômica das personagens exerce uma influência a respeito da entrada no mundo da fantasia. O Cavaleiro da Triste Figura – rico, proprietário de terras, com criados – decide viver aquilo que lê nos livros e convence, diante de pagamentos, um trabalhador braçal não só a acompanhá-lo mas também a acreditar nessa nova realidade, tal como é notório perceber no famoso episódio dos gigantes e moinhos de vento (CERVANTES, 2016, p. 134-142).

É importante lembrar que naquele tempo a Espanha vivia o final do Século do Ouro, o auge do poderio econômico, político, militar e cultural. Na prática, isso significou que o expansionismo marítimo e os 100 anos do agressivo processo de colonização das Américas puderam financiar o investimento nas artes. Estas também passavam por um momento de transição do Renascimento para o Barroco, mas, na obra em questão, o hibridismo se dá pela mistura dos gêneros literários: há a prosa, a poesia, contos e pequenas narrativas dentro da história principal. A essa última característica dá-se o nome de *mise en abyme*, ou seja, quando uma narrativa tem várias narrativas dentro de si, formando um abismo. Todas essas características e a pluralidade de gêneros ajudam a construir a trama da obra.

Ainda assim, somente o fato de ser considerado o primeiro romance por vários críticos, o caracterizaria como sendo “um clássico”? Em seu livro, **Por que ler os clássicos?**, Ítalo Calvino (2005) defende que um clássico seria um livro sobre o qual, por mais que o tempo passasse e que a organização da sociedade mudasse, novas leituras ainda revelariam novos detalhes, interpretações e informações sobre ele. É aqui que entra este estudo sobre as narrativas femininas marcadas no tempo. Ao entender a literatura como componente de uma cultura, podemos usá-la para lançar um olhar antropológico sobre o estudo de uma sociedade. Tal como disse Antonio Candido, quando se analisa uma personagem deve-se lembrar que se trata de um ser ficcional que se completa na leitura:

O romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que

é a concretização deste. Verifiquemos, inicialmente, que há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança (CANDIDO, 1992, p. 40).

Ou seja, para criar-se a verossimilhança é necessária uma semelhança com a realidade e assim, as personagens de romance também se apresentam como uma ferramenta de estudo sobre determinada época. Os costumes, os ideais e a personalidade multifacetada dessa sociedade são retratados em páginas e imagens que perduram ao longo dos anos. Assim, mesmo que Marcela seja uma personagem fictícia nascida sem ser baseada em uma pessoa real, traz consigo traços da sociedade em que Cervantes estava inserido. Candido ainda diz sobre a personagem ter sua “linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser” (CANDIDO, 1992, p. 43) e portanto, Marcela desempenha um papel ligado a sua essência para compor junto com outras personagens e narrativas o painel da sociedade espanhola do século XVII.

Quem é Marcela?

Observemos agora a personagem em questão. No primeiro momento, Dom Quixote e Sancho Pança são apresentados a Marcela na voz de um moço vestido de pastor, Pedro. Esse declara que naquela manhã morreu “aquele famoso estudante pastor chamado Crisóstomo e murmura que morreu de amores por aquela endiabrada moça Marcela, filha de Guilherme, o rico” (CERVANTES, 2016, p. 165). Curiosos, ambos decidem acompanhá-lo até o funeral.

Crisóstomo, primeiro referencial da personagem em estudo, é apresentado como um homem de muitos estudos e conhecimento aparentemente aprofundado sobre os mais diversos assuntos: agricultura, astrologia, letras, um homem amado pela opinião pública em geral. Reunindo religião e negócios, cai na graça do povo. Certo dia, aparece vestido de pastor para se aproximar do seu objeto de paixão, Marcela. A partir de então, Marcela vira o foco da narrativa e tem sua história contada por Pedro.

Marcela é descrita como uma jovem moça muito famosa nas redondezas por sua beleza. Também é rica e de posição elevada na sociedade, pois herdou a fortuna dos

falecidos pais e tinha membros da família no clero. Porém, trocou o conforto burguês pela vida pastoril. O curioso é que o ponto de partida da personagem é a descrição física de alguém extremamente belo, embora não seja descrita sua aparência, apenas dizem que é bonita. O cerne da personagem vai girar em torno de suas atitudes e de sua maneira de pensar. Ou seja, mesmo que *a priori* a caracterização da personagem seja resumida pela estética, sua grande potencialidade na narrativa tem como base a caracterização psicológica. Ao recusar vários pretendentes, espalhou-se a fama de que só fazia isso pelo prazer de ver vários homens sofrendo de amor por ela a ponto de se matarem.

Embora não fuja, nem se esquive à companhia e conversação dos pastores, tratando-os cortês e amigavelmente, se lhes chega a descobrir alguma intenção, ainda que seja tão justa e santa como a do matrimônio, os arroja de si que nem trabucos. E com esta maneira de proceder, causa mais danos nesta terra do que se por ela entrasse a peste; porque sua afabilidade e formosura atraem os corações dos que a conhecem e os fazem servi-la e amá-la; mas seu desdém e desengano os conduzem a ponto de se desesperarem; e, não sabendo o que dizer-lhe, chamam-na, em altas vozes, cruel e ingrata, com outros títulos semelhantes, que bem denotam qual seja a sua condição (CERVANTES, 2016, p. 168).

Ou seja, para Pedro (representando a opinião pública da aldeia), enganar rapazes e fazê-los sofrer por amor era quase como um passatempo para a moça; não teria outra coisa que lhe desse mais prazer do que isso por ser uma cruel e ingrata. É interessante notar o valor do amor aqui atribuído. Para a personagem, é lógico que se um rapaz demonstra interesse em uma mulher e a corteja, essa deveria ficar grata a ele, como se de alguma forma fosse obrigada a ter um sentimento recíproco.

A caminho do enterro, ouvem-se mais murmúrios a respeito de Marcela, sempre em contraponto com Crisóstomo: ele, magnífico, gentil, alegre, bom; ela, pastora homicida, mortal inimiga, desdenhosa, enganosa, cruel. Um jogo de valorização de um em detrimento do outro causado pelas antíteses e contraposições. Neste momento, aparece Marcela no enterro e começa a dar o seu depoimento em relação ao acontecido.

Até então, o leitor só conhecia a personagem através de uma lente da opinião pública, do senso comum, cujo discurso está fortemente marcado pelos pensamentos vigentes da época: uma moça tão jovem e tão bonita como ela teria que se casar logo.

Afinal, o casamento também era uma forma de manter as riquezas e bens dentro da família no século XVII. Neste ponto da narrativa, tanto sua descrição física quanto sua descrição psicológica só são conhecidas pelo leitor através de uma voz masculina. A partir desse momento, a personagem ganha espaço de fala para narrar ela mesma a história da sua vida através da sua própria perspectiva. Conforme Antonio Candido aponta, um romancista escolhe os elementos que melhor apresentam e representam a personagem, física e espiritualmente, de acordo com o que deseja representar no romance:

O que é possível dizer, para finalizar, é que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo (CANDIDO, 1992, p. 56).

Já a concepção resgatada por Beth Brait da mímese aristotélica traz a personagem como potencial de possibilidades:

Portanto não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades. Assim sendo, parece razoável estender essas concepções ao conceito de personagem: ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação (BRAIT, 1985, p. 24).

Ou seja, essa peculiaridade de Marcela se rebelar contra o matrimônio é a utilização de uma possibilidade concretizada na personagem e que dificilmente se realizaria fora da ficção no mesmo contexto social. Este comportamento significativo ganha espaço na voz dela durante o funeral:

E se a honestidade é uma das virtudes que ao corpo e alma adornam e aformoseiam mais, por que há de perdê-la a que é amada por formosa, para corresponder à intenção daquele que só por seu gosto e com todas as suas forças e indústrias, deseja que a perca? Nasci livre e, para livre poder viver, escolhi a

solidão dos campos. Aos que se enamoram de mim pela vista, desenganei por palavras; e se os desejos se sustentam com esperanças, não as tendo eu dado a Crisóstomo, nem a qualquer outro, bem se pode dizer que o matou mais a sua teima do que a minha crueldade. Dizei-me, agora, se têm razão os que me assacam a culpa dos seus padecimentos? O que eu chamar, confie; o que eu aceitar, ufane-se; mas não me chame de cruel, nem de homicida, aquele a quem não prometi, não enganei, não chamei, nem aceitei. Pois esta fera, este basilisco, esta ingrata, esta cruel e esta desconhecida não os buscará, nem servirá, nem conhecerá, nem seguirá de maneira alguma. Se conservo a minha pureza na companhia das árvores, por que hão de querer que a perca na companhia dos homens? Como sabeis, tenho riquezas próprias e não cobiço as alheias; sou livre e não gosto de me sujeitar (CERVANTES, 2016, p. 185-187).

Sem escutar resposta de suas palavras, Marcela vai embora. É notável a demonstração da forte personalidade dela: uma mulher com dinheiro próprio e que não gostaria de se casar, que abdica do luxo para viver na natureza. Ao assumir todos os xingamentos pelos quais é chamada, Marcela deixa claro seu posicionamento de que não se importa com estes pensamentos por se manter fiel aos seus princípios. É o primeiro e único momento em que o leitor tem a oportunidade de conhecer o interior psicológico da personagem através dela mesma. Marcela assume os rótulos que a aldeia lhe impõe como consequência de viver seus desejos de uma vida pastoril. Ainda assim, a condição financeira dela é uma garantia desse modo de vida, como é demonstrado na última frase. A liberdade de Marcela – e de outras mulheres da época implícitas na frase – está diretamente condicionada ao patrimônio que possui, uma vez que só se sente livre e independente por não ter que se sujeitar a nenhum homem por interesses materiais ou de sobrevivência.

Apesar da postura de Marcela ser considerada à frente de seu tempo, decidida e socialmente ousada, é necessário notar que ela ainda tem algum tipo de proteção em torno de suas ações. Suas decisões não se sustentam sozinhas sem um apoio masculino. Na ordem de acontecimentos dos fatos, vemos alguns exemplos:

A) antes de abdicar das riquezas para virar pastora, seus bens eram administrados pelo tio, ela não possuía controle sobre as próprias posses – ato comum em sociedades patriarcais que perdura ainda hoje em alguns países. Para se ter uma ideia, no Brasil, apenas com a Constituição de 1934 as mulheres puderam ter direito à propriedade:

Art 113. A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á subsistencia, á segurança individual e á propriedade, nos termos seguintes:

1) Todos são iguaes perante a lei. Não haverá privilegios, nem distincções, por motivo de nascimento, sexo, raça, profissões proprias ou dos paes, classe social, riqueza, crenças religiosas ou idéas políticas (BRASIL, 1934);

B) as propostas de casamento eram administradas pela figura masculina mais próxima dela, no caso, o tio. Os pedidos feitos diretamente à moça só passaram a ocorrer a partir do momento em que ela virou pastora, ou seja, quando saiu da sua elevada camada social de origem e passou a frequentar outra camada, mais populosa;

C) Quando aparece no funeral, pouco antes de contar sua versão e assumir as rédeas da própria história, Marcela começa a falar depois que um homem lhe dá direito à palavra para explicar o que estava fazendo lá;

D) depois de contar sua versão, a decisão de Marcela sobre tomar o rumo de sua própria vida e o pedido de que não lhe perturbassem só é respeitado depois da interferência de Dom Quixote e Ambrósio.

Uma coisa interessante de se notar é que mesmo Marcela frequentando outro espaço físico, as pessoas ainda a veem como uma moça de elevada posição social, pois não a tratam da mesma maneira que tratariam uma camponesa: há ainda certo nível de importância em relação ao consentimento do casamento. Se algum daqueles senhores nobres ou de camadas inferiores se apaixonasse por uma camponesa, é provável que se cogitasse um sequestro ou casamento forçado, caso a moça negasse. Não raro, aconteciam também casos de estupros, como foi retratado na peça espanhola do mesmo período **Fuente Ovejuna**, de 1614. Tal possibilidade é totalmente inviável pelo fato de Marcela ser a sobrinha de um padre local e respeitado. Ainda mais em um período histórico em que membros da Igreja Católica possuíam fortes influências políticas e detinham grande poder em terras e dinheiro.

Ao final, o funeral, que seria um evento de grande pompa, descrito em dois capítulos e catorze páginas, acaba se resumindo em sete linhas. O evento do grande Crisóstomo é dominado pela única presença feminina deste ponto da narrativa. Após sua aparição, nada mais há para se dizer.

As mulheres da ficção atual

Em **Dom Quixote de La Mancha**, é explorado o papel feminino naquela sociedade sendo resumido ao casamento e à vida doméstica ou ao convento. Apesar de ser escrito no século XVII, o questionamento a respeito da vida sexual de uma mulher ainda é pauta de discussão nos dias atuais.

Na sociedade ocidental, se uma mulher sai com muitas pessoas é chamada de prostituta; se sai com poucos, é para casar; se recusa a investida de um homem por não estar interessada, pode ser assediada e estuprada. Para evitar esse destino, muitas ainda dizem que já estão com outra pessoa. Com um homem, de preferência, caso contrário a sexualização do corpo feminino é potencializada. Assim como Marcela, essas mulheres dizem o que desejam, mas, de alguma forma, ainda precisam ser protegidas pela figura masculina para que sejam respeitadas suas considerações.

Nos limites desses termos, “o corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero *instrumento* ou *meio* com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado (BUTLER, 2003, p. 27).

No país de Cervantes, o direito trabalhista remunerado conquistado pelas mulheres no início do século XX representou uma forma de mudar a relação de dependência para com os homens. Havia controvérsias: as mulheres poderiam ganhar salários, mas para sacarem dinheiro do banco ainda precisavam da permissão de seus maridos. Ainda assim, essa luta abriu caminhos para que novas conquistas fossem adquiridas ao longo dos anos e fizessem com que a Espanha, recentemente, virasse referência em leis de proteção às mulheres em situação de vulnerabilidade.

Já no século XXI, o suporte masculino que foi dado a Marcela no século XVII evoluiu para uma proteção estatal proporcionada através de políticas públicas. Criado em 2007, o VioGén (*Sistema de Seguimiento Integral em los casos de Violencia de Género*) é um sistema público espanhol criado pela Secretaria de Segurança para proteger mulheres em situações vulneráveis e seus filhos através de parcerias com ONGs, política assistencialista e rápidos procedimentos de averiguação. No relatório de

Agosto de 2017, o VioGén declarou que quase 60.000 mulheres estavam sob proteção policial graças à legislação – ficam de fora da contagem as mulheres da região da Catalunha e do País Basco. Este número aumentou em comparação aos últimos anos. Um fator que pode ter influenciado é o resultado das campanhas de denúncias. Ou seja, não necessariamente aumentou o número de casos de violência, mas a denúncia deles.

Em nível mundial, a formulação das Metas do Milênio, organizada pela ONU em 2000 com inclusão de igualdade de gênero, indica que essa questão não é um fenômeno local restrito à Espanha e se caracteriza como um direito humano básico.

Desde 2000, o PNUD, junto com parceiros do Sistema ONU e a comunidade global, tornou a igualdade de gênero elemento central em seu trabalho. Nós vimos progressos marcantes desde então. Mais meninas estão nas escolas comparado a 15 anos atrás e muitas regiões alcançaram a paridade de gênero da educação primária. As mulheres, agora, representam 41 por cento dos trabalhadores que recebem salários, comparado a 35 por cento em 1990 (UNDP Brasil, 2018).

É importante ressaltar que esses avanços não se realizaram da noite para o dia e sozinhos, mas que são frutos de importantes questões pautadas na intensa luta do feminismo dos últimos 100 anos.

Mundialmente, a inclusão do debate de gênero e sexualidade em diversas plataformas contribuiu para que isso se tornasse um assunto mais latente. No âmbito das artes, o questionamento do papel feminino variou desde o reconhecimento da participação em casos notórios quanto ao risco tão próximo que temos de regredir em direitos humanos. A premiada série de televisão **The handmaid's tale**, baseada no livro homônimo de Margareth Atwood retrata um futuro distópico em que os direitos das mulheres são retirados em prol da reprodução humana e ganhou diversos prêmios televisivos importantes.

Já no mundo cinematográfico, a representação do feminino na ficção é tão problemática que criou-se um teste para as personagens – o teste de Bachdel. Apenas com três regras, vários clássicos cinematográficos foram reprovados: é necessário ter pelo menos duas personagens femininas com nome, elas precisam conversar entre si e o assunto não pode ser um homem. Aprovado no teste, o premiado filme **Estrelas além**

do Tempo trouxe em destaque o retrato de importantes cientistas mulheres e negras envolvidas em projetos da NASA em um contexto de segregação social e Guerra Fria.

Beth Brait relembra uma visão de personagem em que:

Na obra **L'universduroman**, R. Bourneuf e R. ouellet situam a personagem através da rede e relações que contribuem para a sua existência, incorporando elementos pertencentes a várias tendências críticas a fim de chegar a uma postura didática mas não simplificadora do problema. O enfrentamento da questão se dá através do destaque das relações existentes entre cada uma das personagens de um romance (BRAIT, 1985, p. 37).

Se lembrarmos o conceito trabalhado anteriormente de que a personagem é reflexo da sociedade e que os diversos fatores que influenciam e mostram a personalidade estão divididos em várias camadas e grupos sociais, esses também são um fruto de tais relações. Nesse sentido, o Brasil se mostra um grande campo árido para as pesquisas futuras sobre a virada do século XXI no assunto.

Numa pesquisa realizada pela Universidade de Brasília (UnB) com as três principais editoras brasileiras (Companhia das Letras, Record e Rocco) constatou-se que entre 1990 e 2004, de todos os romances publicados por elas, a parcela de escritoras femininas não chegava a 30%. Mesmo o número de personagens mulheres criadas por todos os gêneros não chegava a 40% (DALCASTAGNE, 2007). Então, como analisar os problemas de gênero da sociedade brasileira atual se a representação dela é produzida de forma seletiva? Já não seria esse um caminho para análise?

Uma maneira de solucionar esse problema seria com o apoio de outros suportes. Assim como Marcela traz a questão de gênero sobre um tipo de mulher que não segue o padrão ideal pautado no matrimônio, há outro caso em terras brasileiras sobre uma mulher de forte opinião: Geni. Na música **Geni e o Zepelim** (BUARQUE, 1978), as problemáticas trazidas pela personagem são bastante parecidas com as de Marcela: controle da opinião pública sobre a vida sexual e o incômodo que uma mulher causa ao tomar suas próprias decisões.

Se antes o papel das mulheres refletido nas artes se resumia às tarefas do lar, hoje há personagens que exploram a ocupação de cargos em diferentes áreas. Se antes havia a Marcela de Cervantes e a Capitu de Machado, hoje há a Katniss de Suzanne

Collins. Personagens femininas da ficção e não ficção que se espalharam pelo mundo e que não veem limites para a presença feminina, ou como protagonistas ou como autoras.

Esse tipo de representação feminina nas diversas plataformas inspira meninas que muitas vezes sofreram algum tipo de repressão a pensarem a sociedade de uma maneira diferente. O papel do professor nessa questão é proporcionar que esse debate ocorra na escola de maneira responsável e embasada. Trazer diferentes tipos de problemáticas das representações femininas desperta no aluno senso crítico, ligando a escola à comunidade.

Considerações finais

Por fim, o que foi apresentado nesse artigo foi um estudo sobre a representação da narrativa feminina no século XVII, e como é importante trazer esse assunto para as aulas de literatura do Ensino Médio. A interdisciplinaridade é fundamental no desenvolvimento deste trabalho visto que se faz impossível analisar a personagem em questão sem entender os suportes fundamentais da sociedade em que está inserida.

Esse tema é importante principalmente no contexto político histórico que o Brasil está vivendo, quando o posicionamento da escola – um espaço de construção do saber e crítica - é questionado pelas correntes filosóficas conservadoras através do projeto “Escola sem Partido”. A discussão de temas como igualdade de gêneros e LGBTQ+ se torna fundamental em um período com crescente desrespeito aos direitos humanos e ascensão da extrema direita em países europeus e nos Estados Unidos.

Cabe, então, aos professores – em especial os de literatura – debater não só a história contada nos romances, mas a usá-la como instrumento para questionar os problemas sociais que trazem, dialogando com os novos suportes, tais como filmes, músicas e séries televisivas. Assim, o clássico em que Marcela está inserida abre espaço para debate a respeito de um pensamento que, mesmo tanto tempo após sua publicação, ainda encontra traços e resquícios na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKGROUND PAPER ON ATTACKS AGAINST GIRLS SEEKING TO ACCESS EDUCATION. Organização das Nações Unidas. **Relatório**. Disponível em:

<http://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/CEDAW/Report_attacks_on_girls_Feb2015.pdf>. Acesso em: out/2017.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios 3). Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/brait-b-a-personagem.pdf>> Acesso em: dez/2017.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934-365196-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: mar/2018

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** 2. ed. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Col. Debates 1).

_____. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. 2. ed. Trad. Almir de Andrade, Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Vol I

_____. **Dom Quixote de la Mancha**. 2. ed. Tradução: Almir de Andrade, Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Vol II

DALCASTAGNÈ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. In: **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**. Belo Horizonte, p. 127-135. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267/3201> Acesso em: jan/2018.

EM 70 PAÍSES meninas sofreram agressões por querer estudar, alerta ONU. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-70-paises-meninas-sofreram-agressoes-por-querer-estudar-alerta-onu/>> Acesso em: out/2017.

UNITED Nations Development Programme (UNDP) Brasil. **Objetivo 5: Igualdade de gênero**. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/sustainable-development-goals/goal-5-gender-equality.html>. Acesso em: mar/2018.

THE REPRESENTATION OF THE FEMININE NARRATIVE IN DON QUIXOTE: MARCELA

ABSTRACT

This project aims to develop the analysis of the female narrative representation constructed in the first part of *Don Quixote de La Mancha*, more specifically, the one of the character Marcela. To carry out this task, it's necessary to investigate how such representation was portrayed in a time whose education was exclusively to men and how this fact influenced the writing of Cervantes' work. The research is related to the building of strong female characters in Western literature. Thus, the study will allow us to deepen the topic regarding literary feminism and will discuss the representation of the feminine in the books, adding invaluable knowledge to the future Portuguese and Literature teacher in contemporary society. The idea was to seek, within this topic, a parallel between the contemporary worldview and the one which was real at the moment the work was born. To do that, the main tools were intertextuality and comparatism, studying Cervantes' book from the perspective of literature review and gender studies'.

Keywords: Miguel de Cervantes. *Don Quixote*. Marcela. Feminine Narrative. Feminine Characters. Feminism.

Envio: maio/2018

Aceito para publicação: agosto/2018